

TEORIA III► Escoamento dos rios Douro e Minho pode ter sido responsável pelo transporte para norte dos corpos da tragédia de Entre-os-Rios

Luís Almeida

O Instituto Hidrográfico da Marinha tem em curso um projecto de estudo da corrente costeira que aumenta por acção do escoamento dos rios Douro e Minho, eventualmente responsável pelo transporte muito rápido para norte dos corpos da tragédia da ponte de Entre-os-Rios, ocorrida em 4 de Março de 2001.

O eng.º Jorge da Silva, do Instituto Hidrográfico da Marinha, coordenador da campanha levada a efeito nas últimas semanas no rio Minho, creê ser provável que as correntes marítimas, "geralmente fracas no bordo da plataforma continental", a cerca de 40/50km da costa, são alimentadas no Inverno (essencialmente, nas épocas de cheias) pelo "empilhamento" de água doce proveniente dos dois maiores rios (Douro e Minho), permitindo que alcancem uma velocidade à superfície na ordem dos 40/50 cm por segundo.

Tal "monte de água doce", menos densa do que a do mar, cria diferenças de pressão equilibradas pelo movimento de rotação da Terra, arrastando à superfície tudo o que se encontrar à tona de água, fazendo crer que os cadáveres encontrados em Finisterra, no Norte da Galiza, se tenham deslocado pela corrente a uma média de 80 cm/segundo.

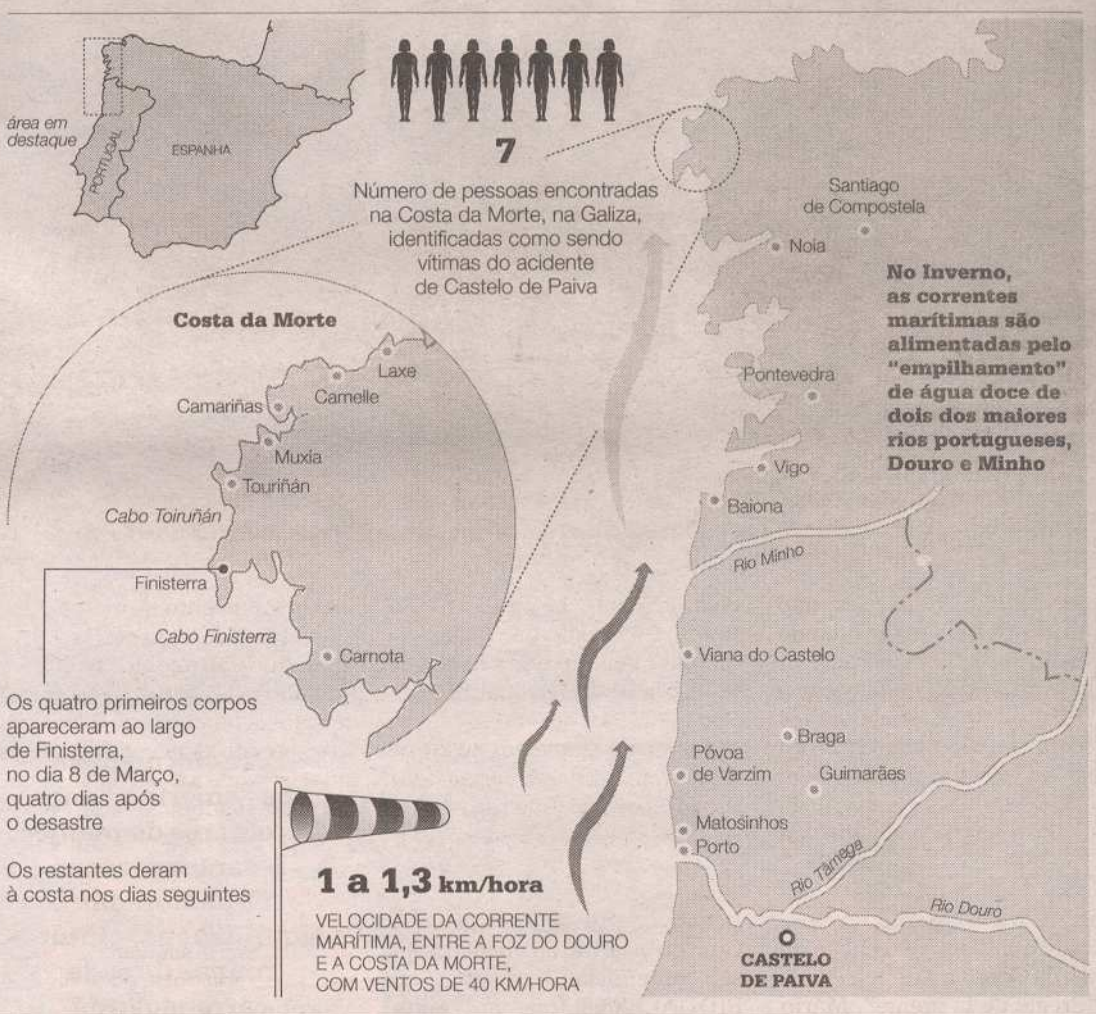
Atendendo a que esta média é impraticável em grande parte do percurso, isso equivale a dizer que "houve correntes marinhas máximas na ordem dos 2 metros/segundo", alimentadas pelos caudais dos rios.

O técnico recorda que, nesse ano, já tinham ocorrido seis cheias no Douro, com valores na casa dos 9.000 m³/segundo, contribuindo para alimentar a corrente costeira, pretendendo agora observar esta deriva, não só no mar (plataforma continental), como no interior dos estuários, quer na época de estiagem, quer na das chuvas, de modo a testar a sua teoria.

A tragédia

A tragédia aconteceu numa noite de domingo, 4 de Março

Hidrodinâmica



Projecto de 2004 avalia escoamento dos estuários

■ O projecto, aprovado em 2004, com financiamento garantido pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e apoiado pelo Instituto de Investigação as Pescas e universidades do Porto e Minho, analisará o escoamento nos estuários dos rios, procedendo a medições de correntes não só no seu interior, como na costa, bem como avaliar os sedimentos lançados na plataforma continental, por força das marés do Minho e Douro. Em 2006, serão levadas à prática mais duas campanhas (Fevereiro/Março e Novembro), prosseguindo o acompanhamento das correntes marítimas e dos

caudais dos rios, com recurso a sistemas de GPS, estudando igualmente a hidrodinâmica na fase terminal dos estuários, sedimentação, biologia, e inertes, designadamente no rio Minho, tendo ainda em vista "tomar medidas adequadas" de desassoreamento que permitam uma maior navegabilidade e entrada de espécies piscícolas. Jorge da Silva, do Instituto Hidrográfico da Marinha, recorda a importância da qualidade paisagística do estuário do rio Minho e do usufruto que se poderia retirar, mas com as inevitáveis operações de desassoreamento.

de 2001. A ponte Hintze Ribeiro entrou em colapso e arrastou para a morte 60 pessoas, 53 das quais seguiam num autocarro.

De madrugada, o ministro do Equipamento Social, Jorge Coelho, demite-se, tal como, três dias depois, o presidente do Instituto de Estradas de Portugal, António Martins.

Dez dias após a queda da travessia, a SIC divulga imagens subaquáticas, captadas em 1986, que dão conta do estado de degradação dos pilares da ponte.

O vídeo segue depois para a comissão de inquérito, que ouve, da boca de Paulo Teixeira, presidente da Câmara de Castelo de Paiva, os nomes dos governantes alertados para a situação.

O autocarro onde seguiam 53 dos mortos só foi retirado das águas do Douro no dia 20.